



## **ENTRE A TEIA E A HOSPITALIDADE:**

O diálogo inter-religioso na perspectiva de Gilbraz Aragão e suas implicações para a pesquisa em Ciências da Religião

## ***BETWEEN THE WEB AND HOSPITALITY:***

*Interreligious dialogue in the perspective of Gilbraz Aragão and its implications for research in the science of religion*

<sup>1</sup> Ricardo Jorge Silveira Gomes

### **RESUMO**

Este artigo analisa a expressiva contribuição do Prof. Dr. Gilbraz Aragão para o campo das Ciências da Religião, com ênfase em suas teorias, práticas e propostas voltadas ao diálogo inter-religioso no contexto brasileiro. A partir de uma leitura sistemática de sua produção intelectual ao longo de quase três décadas, o estudo evidencia como sua perspectiva relacional, hermenêutica e cidadã se consolidou como referência na formação de grupos e iniciativas de diálogo entre tradições religiosas. O texto apresenta o percurso de construção dessa abordagem, suas motivações, seus primeiros resultados e o impacto da obra de Aragão na constituição de sujeitos dialogais capazes de promover uma cultura de paz, escuta e cooperação inter-religiosa. Além disso, discute a relevância de sua contribuição para o fortalecimento de práticas comunitárias, acadêmicas e sociais voltadas à superação de fundamentalismos, intolerâncias e violências simbólicas. Assim, o artigo busca não apenas interpretar criticamente a obra de Aragão, mas também reconhecer sua atualidade e seu potencial inspirador para novos pesquisadores e para agentes comprometidos com o diálogo inter-religioso no Brasil.

---

<sup>1</sup> Doutor em Ciências das Religiões, Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), Pernambuco, Brasil. Pesquisador do Programa de Extensão Universitária da Pós-Graduação (PROEXT-PG) da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: [ricardojorgesg@hotmail.com](mailto:ricardojorgesg@hotmail.com), ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9937-0893>.

**PALAVRAS CHAVES:** Diálogo inter-religioso. Pluralismo religioso. Hospitalidade. Epistemológica. Cultura de paz. Diversidade religiosa.

## **ABSTRACT**

This article examines the significant contribution of Prof. Dr. Gilbraz Aragão to the field of Religious Studies, with emphasis on his theories, practices, and proposals related to interreligious dialogue in the Brazilian context. Through a systematic reading of his intellectual work over nearly three decades, the study highlights how his relational, hermeneutical, and citizen-oriented approach has become a reference for the formation of groups and initiatives dedicated to interfaith dialogue. The text presents the development of this approach, its motivations, its initial results, and the impact of Aragão's work on the formation of dialogical subjects capable of promoting a culture of peace, listening, and interreligious cooperation. Moreover, it discusses the relevance of his contributions for strengthening community, academic, and social practices aimed at overcoming fundamentalisms, intolerance, and symbolic violence. Thus, the article seeks not only to critically interpret Aragão's work but also to recognize its contemporary relevance and its inspiring potential for new researchers and for practitioners committed to interreligious dialogue in Brazil.

**KEYWORDS:** Interreligious dialogue. Religious pluralismo. Epistemological hospitality. Culture of peace. Religious diversity.

## **INTRODUÇÃO**

O campo religioso brasileiro caracteriza-se historicamente por sua complexidade, diversidade e dinamismo. Longe de constituir um mosaico estático de tradições isoladas, o Brasil se configura como um espaço de interculturalidade radical, no qual sistemas simbólicos se encontram, se tensionam, se influenciam mutuamente e se reinventam continuamente. É nesse contexto que se inscrevem as contribuições de Gilbraz Aragão, um dos principais teóricos do diálogo inter-religioso no país, cuja obra tem se destacado por oferecer novas categorias de análise e práticas transformadoras voltadas à convivência plural, à justiça social e à construção da cultura de paz.

Diferentemente de abordagens que tratam as religiões como entidades fixas ou universos doutrinários impermeáveis ao encontro com a alteridade, Aragão propõe uma compreensão profundamente relacional da experiência religiosa. Para ele, a religião se constitui sempre em interação — com o sagrado, com a comunidade, com a ancestralidade e com outras tradições. Essa perspectiva, inspirada em referenciais como Clifford Geertz, Paul Ricoeur, Raimon Panikkar, Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos, desloca a

análise da religião para o terreno das relações, da construção simbólica e dos processos socioculturais que estruturam o cotidiano.

A partir dessa visão, Aragão desenvolve conceitos centrais que vêm influenciando os Estudos da Religião no Brasil contemporâneo: teia de relações, hospitalidade epistemológica, pluralismo cooperativo e pedagogia do diálogo. Essas categorias não são apenas ferramentas teóricas, mas expressões de uma prática concreta que emerge da experiência brasileira — especialmente das periferias urbanas e rurais — onde tradições convivem, disputam sentidos e constroem pontes simbólicas cotidianas. Em suas pesquisas e projetos comunitários na Região Metropolitana do Recife, Aragão demonstra que o diálogo inter-religioso nasce antes da teologia: nasce das festas, dos terreiros, das rezas, das rodas de conversa, dos rituais de cura e das interações comunitárias produzidas pela vida cotidiana.

O conceito de hospitalidade epistemológica amplia a compreensão do diálogo ao afirmar que dialogar não é apenas trocar ideias, mas abrir espaço para que o outro transforme nossos modos de conhecer. Trata-se de um aprendizado mútuo que reconhece a dignidade de saberes afro-brasileiros, indígenas, populares e periféricos historicamente silenciados pela colonialidade. Já o pluralismo cooperativo rompe com a lógica da tolerância passiva, propondo relações horizontais de reconhecimento e ações colaborativas entre tradições religiosas em prol da dignidade humana, da justiça social e do bem comum.

Esses conceitos se articulam à pedagogia do diálogo, na qual Aragão integra princípios da educação popular freireana, da laicidade democrática e da interculturalidade crítica. Em suas experiências formativas, especialmente no ensino público da RMR, ele demonstra que práticas dialogais reduzem conflitos, enfrentam o racismo religioso, fortalecem vínculos comunitários e promovem uma cultura de paz. O diálogo torna-se, assim, não apenas um ideal ético, mas uma metodologia concreta para transformar realidades marcadas por violência simbólica, discriminação e desigualdade.

Diante do cenário contemporâneo — marcado pelo avanço de fundamentalismos, pela intensificação de conflitos religiosos e pela persistência do racismo religioso que atinge sobretudo as religiões de matriz africana — as contribuições de Aragão revelam-se extremamente atuais. Suas categorias oferecem instrumentos analíticos e políticos para compreender a dinâmica plural brasileira e para construir caminhos de convivência democrática e justiça cognitiva.

Este artigo, portanto, analisa em profundidade as principais contribuições teóricas e práticas de Gilbraz Aragão, estruturadas em quatro eixos: (1) a teia de relações e sua compreensão relacional da religião; (2) a hospitalidade epistemológica como fundamento do diálogo; (3) o pluralismo cooperativo como superação da tolerância; e (4) a pedagogia do diálogo aplicada à educação, à mediação de conflitos e à laicidade. Ao articular esses eixos, buscou-se evidenciar como a obra de Aragão constitui uma das propostas mais consistentes e inovadoras para pensar o diálogo inter-religioso no Brasil e para enfrentar os desafios contemporâneos da convivência plural, da cidadania e da cultura de paz.

## **1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

### **1.1. A Teia de Relações: religião como encontro e movimento**

Aragão propõe uma compreensão da religião profundamente ancorada na ideia de relações, afastando-se de modelos essencialistas e de paradigmas que tratam as tradições como entidades fechadas em si mesmas. Para ele, “a religião não existe isolada; ela se constitui sempre na interação com outras experiências, outros discursos, outras formas de viver o sagrado” (ARAGÃO, 2018, p. 41). Esse ponto de partida já coloca o autor em diálogo com perspectivas antropológicas contemporâneas que enfatizam a religião como construção simbólica, histórica e social.

Inspirado em Clifford Geertz, Aragão entende que o estudo da religião deve observar os sistemas de significados que dão sentido ao mundo vivido. Geertz (1989) afirma que a religião funciona como “um sistema cultural que estabelece disposições e motivações através da formulação de concepções da ordem geral da existência”. Aragão retoma essa concepção para evidenciar que os sistemas simbólicos religiosos só podem ser compreendidos quando se analisam as relações que os produzem — sejam elas relações comunitárias, territoriais, afetivas, políticas ou inter-religiosas.

Além disso, Aragão dialoga com a fenomenologia hermenêutica, particularmente com Paul Ricoeur. Para Ricoeur (1990), a identidade humana é sempre narrativa e relacional; não existe identidade sem alteridade. Aragão aplica esse princípio às tradições religiosas, afirmando que “uma religião só se compreende plenamente quando se confronta com o outro que a interpela” (ARAGÃO, 2020, p. 53). Assim, a alteridade não é ameaça; ela é condição para o crescimento espiritual e epistemológico. Essa concepção dá base ao que o autor denomina hospitalidade epistemológica — uma disposição de abertura para aprender

com outras tradições, com outras formas de espiritualidade e com outros modos de interpretar o mundo.

Ao afirmar que “toda religião vive de relações — com o sagrado, com a comunidade, com a ancestralidade e com as outras tradições” (ARAGÃO, 2018, p. 45), o autor destaca que o campo religioso é um tecido vivo, uma teia em constante recomposição. Essa metáfora da teia é fundamental: ela revela que os elementos da religiosidade brasileira não se organizam de forma hierárquica ou rígida, mas em múltiplas conexões. A teia é orgânica, flexível e aberta, e isso permite compreender fenômenos como: aproximações entre tradições populares, como as festas religiosas híbridas presentes em muitas cidades do Nordeste; circulação e ressignificação de símbolos, quando elementos de uma tradição são incorporados por outra de forma criativa; espiritualidades híbridas, que misturam cosmologias afro-brasileiras, catolicismo, práticas xamânicas, pentecostalismo e terapias holísticas; transitoriedade religiosa, característica marcante do Brasil contemporâneo, onde sujeitos circulam entre igrejas, terreiros e centros de espiritualidade; conflitos simbólicos, que não são simples choques doutrinários, mas disputas por território espiritual, legitimidade moral e autoridade comunitária.

Podemos observar que Aragão, nos textos produzidos pelo Fórum Diálogos coordenado por ele (2020) afirma que o Brasil é um “espaço de interculturalidade radical”, onde tradições convivem, disputam, se aproximam e se transformam mutuamente. Ele acrescenta que “nenhuma tradição religiosa brasileira é pura; todas carregam as marcas das trocas históricas e culturais que as formaram” (ARAGÃO, 2020, p. 74). Isso significa que não existe ortodoxia imune ao encontro com o outro; todas as tradições se tornam o que são porque convivem com outras cosmologias.

Tal percepção aproxima Aragão do pensamento de Raimon Panikkar, que defende que o diálogo não ocorre entre sistemas fechados, mas entre sujeitos que “habitam a fronteira entre tradições” (PANIKKAR, 1999). Enquanto Panikkar fala de diálogo intrarreligioso, Aragão traduz essa sensibilidade para o contexto brasileiro, mostrando que a população — principalmente a das periferias urbanas e rurais — já pratica, de maneira cotidiana, formas espontâneas de diálogo e circulação simbólica.

Essa dimensão popular do diálogo é central. Aragão (2017) escreve que, no Brasil, “o diálogo inter-religioso antecede a teologia: ele nasce no cotidiano, nas festas, nos terreiros, nas rezas, nas práticas de cura, nos encontros de vizinhança” (p. 89). Isso desafia modelos

de diálogo que partem apenas das instituições, indicando que a teia de relações é uma realidade concreta vivida por milhões de pessoas.

Do ponto de vista teórico, essa concepção relacional se articula ao pluralismo cooperativo, conceito que Aragão desenvolve para além do multiculturalismo liberal. Para ele, não basta a coexistência passiva; é necessária uma postura ativa de cooperação, construção conjunta, reconhecimento mútuo e enfrentamento das violências simbólicas. O autor alerta que “não há diálogo verdadeiro onde a desigualdade permanece intocada” (ARAGÃO, 2020, p. 82). O diálogo, portanto, deve ser também um processo ético-político de descolonização das experiências religiosas, rompendo com estruturas de poder que historicamente silenciaram religiões afro-brasileiras, indígenas e experiências espirituais marginalizadas.

Assim, o modelo aragoneano revela-se fundamental para analisar o campo religioso brasileiro, especialmente em contextos como o Nordeste e o Cabo de Santo Agostinho, onde o trânsito religioso, os encontros comunitários e os conflitos por território simbólico são intensos. A teia de relações não descreve apenas um fenômeno, mas aponta para um método de leitura da realidade e uma prática de convivência ética capaz de promover cultura de paz.

## **1.2. Hospitalidade Epistemológica: aprender com o outro**

Entre as contribuições mais relevantes de Gilbraz Aragão para o campo dos Estudos da Religião está o conceito de hospitalidade epistemológica, uma das bases de sua proposta de diálogo inter-religioso. Diferente de abordagens que concebem o diálogo apenas como tolerância, convivência pacífica ou intercâmbio diplomático entre tradições, Aragão desloca o centro da discussão para o nível epistêmico, isto é, para os modos como cada tradição conhece, interpreta e se relaciona com a verdade.

Aragão (2020) afirma que “*dialogar é hospedar o outro em nossa própria casa de saberes — não para assimilá-lo, mas para permitir que nos transforme*”. A metáfora da “casa” indica que o conhecimento não é apenas um conjunto de ideias, mas um lugar vivido, carregado de afetos, memórias, ancestralidades e práticas. Ao abrir tal espaço para o outro, não se busca dominá-lo ou convertê-lo, mas permitir que sua presença nos desestabilize, provoque, transforme e alargue nossas fronteiras de compreensão.

Essa postura tem raízes filosóficas profundas. Aragão dialoga diretamente com Paul Ricoeur, especialmente com a ética da *solicitude* e com a ideia de que o eu se constitui em

relação ao outro. Ricoeur (1990) enfatiza que “*a identidade não é uma posse, mas uma narrativa em construção*”. A hospitalidade epistemológica, nesse sentido, reconhece que toda tradição religiosa é narrativa viva, aberta à interpretação, reformulação e ao encontro com outras narrativas que a interpelam.

Do mesmo modo, aproxima-se da obra de Raimon Panikkar, para quem o diálogo não é um método, mas uma condição existencial. Panikkar (1999) sustenta que “*ninguém possui a verdade; no máximo, participa dela*”, ideia que fundamenta a necessidade de abertura mútua. Aragão aprofunda essa intuição ao afirmar que nenhuma comunidade religiosa detém o monopólio da revelação, pois o sagrado manifesta-se de maneiras plurais e complementares.

Além disso, sua reflexão incorpora elementos das epistemologias do Sul de Boaventura de Sousa Santos, sobretudo no reconhecimento de que há saberes subalternizados, silenciados e invisibilizados, como os saberes afro-brasileiros, indígenas, populares e periféricos. Boaventura (2010) denuncia que “*a epistemologia ocidental moderna produziu uma monocultura do saber científico, convertendo outras formas de conhecimento em ignorância*”. A hospitalidade epistemológica, ao contrário, legitima tais saberes como portadores de racionalidade e dignidade próprias, contribuindo para a superação das “epistemologias coloniais” que estruturam desigualdades históricas.

Essa perspectiva rompe com: exclusivismos religiosos, que pretendem deter a única verdade possível; fundamentalismos dogmáticos, resistentes a qualquer forma de pluralidade; epistemologias coloniais, que inferiorizam tradições afro-indígenas e populares; práticas acadêmicas extrativistas, que usam comunidades apenas como objeto de pesquisa.

Aragão (2018) sustenta que “*o diálogo só acontece quando há disposição para aprender com o outro, reconhecendo sua competência espiritual e intelectual*”. Uma religião que se abre à hospitalidade epistemológica não abdica de sua identidade, mas a reconstrói continuamente em interação com o diverso. Trata-se, portanto, de um exercício de humildade cognitiva, de reconhecimento das próprias limitações e de valorização da pluralidade como riqueza, não como ameaça.

Do ponto de vista antropológico, essa concepção se aproxima da noção de Clifford Geertz (1973), para quem as culturas — e as religiões — são teias de significados tecidas pelas pessoas. Se a religião é tecida por pessoas em constante interação, então o diálogo é parte

essencial de sua própria constituição, e a hospitalidade epistemológica torna-se não uma opção, mas uma dimensão constitutiva do fenômeno religioso.

No contexto brasileiro, marcado por sincretismos, hibridismos e convivências complexas, a proposta de Aragão ajuda a compreender como comunidades religiosas convivem, disputam sentidos e constroem pontes simbólicas. Ela não ignora os conflitos — que também são epistemológicos — mas oferece horizontes éticos e políticos para enfrentá-los. Como afirma Aragão (2020), *“a hospitalidade do saber é o primeiro passo para uma cultura de paz”*.

Assim, a hospitalidade epistemológica assume relevância não apenas acadêmica, mas também social e política: é ferramenta para o diálogo, para a superação do racismo religioso, para o reconhecimento de tradições historicamente marginalizadas e para a construção de uma convivência plural e democrática.

### **1.3.1. Pluralismo Cooperativo: além da tolerância**

A proposta de Gilbraz Aragão rompe com modelos tradicionais de convivência religiosa baseados na mera tolerância, frequentemente entendida como um ato passivo, marcado por certo distanciamento ou mesmo superioridade moral em relação ao outro. A tolerância, historicamente, significou “permitir” a presença do diferente desde que ele não incomodasse as estruturas dominantes. Aragão critica essa postura, afirmando que *“não basta suportar a existência do outro; é preciso reconhecê-lo como parceiro na construção da sociedade”* (ARAGÃO, 2017).

Nesse sentido, ele formula o conceito de pluralismo cooperativo, que ultrapassa a ideia de coexistência pacífica e convoca as tradições religiosas a atuarem juntas em ações concretas, visando a justiça social, a paz comunitária e a dignidade humana. Trata-se de uma compreensão ativa do pluralismo, que exige responsabilidade ética, diálogo comprometido e participação solidária na esfera pública.

### **1.3.2. Superação da tolerância como concessão**

Para Aragão (2018), a tolerância é insuficiente porque mantém intactas as lógicas de desigualdade simbólica entre religiões majoritárias e minoritárias. Ele argumenta que, em uma sociedade marcada pelo racismo religioso e por hierarquias coloniais, *“tolerar o outro ainda é manter a relação de poder, ainda é permitir que continue no lugar subalterno”*.

Assim, o pluralismo cooperativo propõe relações horizontais de reconhecimento, reciprocidade e corresponsabilidade.

Essa crítica ecoa a reflexão de Charles Taylor (1994), quando afirma que o reconhecimento é condição fundamental para a identidade moderna, e de Nancy Fraser (2003), ao destacar que não há justiça sem reparação simbólica. Aragão insere-se nessa tradição ao defender que a convivência inter-religiosa deve incluir práticas efetivas de igualdade e não apenas discursos formais de respeito.

### **1.3.3. Pluralismo como cooperação para o bem comum**

O pluralismo cooperativo parte da premissa de que não existe neutralidade religiosa no espaço público. Toda sociedade é construída sobre valores morais — e esses valores têm raízes espirituais, filosóficas e culturais. Em vez de excluir as tradições religiosas da esfera pública, Aragão propõe incluí-las de maneira dialógica e colaborativa.

Ele afirma que *“as religiões têm vocação para o cuidado do mundo; o desafio é que cuidem juntas, e não umas contra as outras”* (ARAGÃO, 2020). Assim, a diversidade religiosa, longe de ser problema, torna-se fonte de inovação ética e criatividade comunitária.

Essa concepção aproxima-se da noção de “ética global” proposta por Hans Küng, cujo Projeto de Ética Mundial defende que não haverá paz entre as nações sem paz entre as religiões. Contudo, Aragão expande essa proposta ao incorporar: práticas educacionais de base popular; experiências de comunidades tradicionais e periféricas; lutas por justiça racial, social e ecológica; formas participativas de construção social inspiradas em Paulo Freire.

Assim, enquanto Küng enfatiza princípios universais, Aragão insere o pluralismo no cotidiano concreto das comunidades, defendendo que *“a convivência inter-religiosa nasce de práticas, e não apenas de declarações”* (ARAGÃO, 2017).

### **1.3.4. Diversidade como geradora de criatividade e renovação ética**

A perspectiva de Aragão rompe com visões pessimistas que consideram a diversidade religiosa um obstáculo à ordem social. Ele sustenta que, ao contrário, *“a pluralidade é a condição de possibilidade da inovação ética, pois é no encontro de diferenças que surgem novos sentidos e novas práticas comunitárias”* (ARAGÃO, 2018).

Essa visão dialoga com Boaventura de Sousa Santos (2010), que propõe uma tradução intercultural capaz de gerar aprendizados mútuos entre cosmologias diversas, e com Raimon Panikkar (1999), que afirma que a diversidade é constitutiva do real: “*não há unidade sem pluralidade; não há pluralidade sem unidade*”.

A criatividade que nasce do encontro inter-religioso permite: construir respostas intercomunitárias à violência; fortalecer redes solidárias nos territórios; desenvolver pedagogias de paz e reconciliação; ampliar a democracia participativa; gerar novas formas de cuidado, espiritualidade e engajamento social.

### **1.3.5. A prática colaborativa como fundamento ético**

Em síntese, o pluralismo cooperativo é um modelo em que as tradições não apenas convivem, mas agem juntas. Aragão (2017) resume essa visão afirmando que “*a convivência inter-religiosa não é apenas ideia, mas prática colaborativa em prol da justiça, da paz e da dignidade humana*”. A ênfase na prática revela sua filiação à pedagogia de Paulo Freire, que entende o diálogo como ação transformadora, e não como discurso abstrato.

Assim, o pluralismo cooperativo: desloca o foco da doutrina para a prática; privilegia a colaboração em vez do proselitismo; promove justiça simbólica e social; reconhece o valor epistêmico de todas as tradições; fortalece a democracia e a cultura de paz.

Em sociedades plurais como o Brasil — especialmente em contextos de conflitos religiosos, racismo estrutural e disputas territoriais — a proposta de Aragão oferece uma via ética e política capaz de transformar relações, reduzir tensões e promover convivência solidária entre grupos diversos.

### **1.4. Pedagogia do Diálogo: educação, laicidade e interculturalidade**

A pedagogia do diálogo é uma das vertentes mais fecundas da produção intelectual de Gilbraz Aragão, que articula sua formação em teologia, educação e ciência da religião para construir um modelo de formação voltado para sociedades plurais, marcadas por conflitos simbólicos, desigualdades e disputas por reconhecimento. Para ele, a educação é “o mais potente laboratório de convivência” (ARAGÃO, 2017), e por isso não pode se limitar a transmitir doutrinas, mas deve formar sujeitos capazes de reconhecer e dialogar com a alteridade religiosa, cultural e ética.

#### **1.4.1. Educação para além da tolerância: a formação de sujeitos dialogais**

Aragão afirma que a educação precisa abandonar os modelos verticalizados e doutrinários que historicamente marcaram o ensino religioso no Brasil. Segundo ele, “*não se educa para o diálogo ensinando apenas a própria tradição; educa-se oferecendo caminhos para compreender e acolher o outro*” (ARAGÃO, 2020).

Assim, sua pedagogia dialógica parte de princípios como: escuta ativa; circulação de narrativas e experiências; formação crítica sobre preconceitos inconscientes; leitura interpretativa da diversidade religiosa brasileira; desconstrução de hierarquias coloniais entre saberes.

Essa abordagem dialoga diretamente com Paulo Freire, para quem “*o diálogo é o encontro amoroso dos que se reconhecem incompletos*” (FREIRE, 1996). Aragão incorpora essa visão, mas a desloca para o campo inter-religioso, sublinhando que toda tradição espiritual é também incompleta e necessita da alteridade para ampliar sua abertura ao real.

#### **1.4.2. Ensino religioso intercultural e não confessional**

Em sua crítica às práticas confessionais no ensino público, Aragão sustenta que elas “*produzem exclusão, proselitismo e silenciamento das minorias religiosas*” (ARAGÃO, 2018). Em alternativa, ele defende um ensino religioso intercultural, que: compreende as religiões como sistemas de sentido, e não como objetos de fé; trabalha comparativamente as cosmologias; valoriza as filosofias afro-indígenas; reconhece as espiritualidades dissidentes (sem religião, ateus, deístas, espiritualistas); problematiza o racismo religioso.

Essa concepção é afinada com a perspectiva de Charles Taylor (1994), que afirma que a escola deve promover o reconhecimento das diferenças como condição para a construção de identidades democráticas. Ao mesmo tempo, dialoga com a crítica de Kabengele Munanga (2004) à invisibilização das culturas afro-brasileiras no currículo escolar.

#### **1.4.3. Interculturalidade como método e ética**

A pedagogia do diálogo de Aragão também se fundamenta na interculturalidade crítica. Ele afirma que “*a interculturalidade não é desfile de culturas, mas confronto dialógico entre cosmologias, formas de vida e histórias de resistência*” (ARAGÃO, 2019).

Por isso, sua proposta: enfatiza a experiência (e não apenas o conteúdo informativo); incentiva visitas inter-religiosas, rodas de conversa, oficinas de memória e narrativas de vida; coloca em diálogo saberes acadêmicos e saberes tradicionais; reconhece que o diálogo exige “desaprender hierarquias coloniais”.

Essa visão se aproxima de Boaventura de Sousa Santos (2010), quando ele argumenta que “não há justiça cognitiva sem diálogo entre saberes”.

#### **1.4.4. Educação como mediação de conflitos**

A pedagogia do diálogo tem impacto direto na mediação de conflitos escolares. Aragão e colaboradores relatam, em experiências realizadas na Região Metropolitana do Recife, que práticas dialogais reduziram situações de intolerância religiosa, discriminação e violências simbólicas em escolas públicas.

Ele afirma que *“o diálogo não é apenas teoria: é método de resolução de conflitos e de reconstrução de vínculos”* (ARAGÃO; COUTO, 2017).

As práticas incluem: círculos restaurativos; mediação por pares; estudo de narrativas de tradições diversas; análises de casos de intolerância; construção de pactos comunitários de convivência.

#### **1.4.5. Laicidade aberta ao pluralismo**

Aragão insiste que uma pedagogia do diálogo depende de uma compreensão madura de laicidade. A laicidade não é exclusão da religião do espaço público, mas uma organização que: garante igualdade entre tradições; impede privilégios de grupos religiosos sobre outros; protege minorias religiosas; assegura liberdade de crença e não crença; promove o pluralismo como valor democrático.

Ele sintetiza essa posição afirmando que *“a laicidade não é contra as religiões; é a condição para que todas convivam em liberdade”* (ARAGÃO, 2020).

Essa concepção aproxima-se da laicidade cooperativa presente em alguns autores europeus e dialoga com a filosofia do reconhecimento de Taylor. Também se articula com o campo dos Direitos Humanos, especialmente no combate ao racismo religioso e às políticas moralistas de controle social.

#### **1.4.6. Impactos sociais e comunitários**

As experiências coordenadas por Gilbraz Aragão na Região Metropolitana do Recife (RMR), em parceria com escolas públicas, comunidades de terreiro, grupos ecumênicos e movimentos sociais, têm produzido resultados concretos e reconhecidos no campo da convivência inter-religiosa. Aragão insiste que “o diálogo não se sustenta apenas como discurso; precisa ser vivido e incorporado no cotidiano das relações locais” (ARAGÃO, 2018). Assim, sua atuação prática demonstra como o diálogo inter-religioso pode modificar realidades marcadas por intolerância, desigualdades e conflitos simbólicos.

Os projetos desenvolvidos em escolas da RMR mostram que práticas dialogais — rodas de conversa, mediação cultural, oficinas de narrativas, visitas a espaços sagrados — têm reduzido tensões entre estudantes evangélicos, católicos e adeptos das religiões afro-brasileiras. Aragão (2017) afirma que “*quando o estudante conhece a história e a experiência do outro, o preconceito perde seu chão*”.

Essas iniciativas desconstroem estigmas, como a demonização das religiões de matriz africana, e ajudam a combater o racismo religioso, fenômeno amplamente documentado por autores como Vagner Gonçalves da Silva e Reginaldo Prandi. A convivência escolar passa a ser marcada por respeito às diferenças e abertura às múltiplas formas de espiritualidade.

As práticas coordenadas por Aragão também promovem a valorização das matrizes indígenas e afro-brasileiras, historicamente silenciadas no currículo escolar e marginalizadas no imaginário social. Por meio de rodas de memória, narrativas de ancestralidade, vivências com mestres de Jurema Sagrada e lideranças indígenas, estudantes e educadores entram em contato com universos simbólicos que raramente encontram espaço nos ambientes institucionais.

Segundo Aragão (2020), “*dialogar é reconhecer a dignidade dos saberes subalternizados, ampliando o horizonte ético da comunidade*”. Essa valorização tem impacto direto na identidade de crianças e jovens pertencentes a comunidades tradicionais, fortalecendo autoestima e pertencimento.

Uma das marcas do trabalho de Aragão é a articulação entre educação, comunidades religiosas e movimentos sociais. Em bairros periféricos, onde convivem terreiros, igrejas neopentecostais, grupos católicos e espiritualistas, foram implementadas redes de convivência inter-religiosa que promovem: encontros entre lideranças para resolução de

conflitos; ações de solidariedade e combate à fome; programas culturais e formativos; campanhas contra o racismo religioso.

Essas redes funcionam como espaços de escuta e cooperação, traduzindo em prática a noção de pluralismo cooperativo defendida pelo autor.

As práticas dialogais promovidas por Aragão demonstram que a convivência não se limita à esfera discursiva. Terreiros, igrejas católicas, paróquias, grupos evangélicos históricos e organizações comunitárias têm participado de projetos integrados que atuam no enfrentamento da violência e no fortalecimento de vínculos sociais.

Aragão (2019) destaca que *“a convivência inter-religiosa se torna mais potente quando as tradições se unem em torno de causas comuns, como a dignidade humana e a justiça social”*. Tais iniciativas se alinham à proposta de Hans Küng (1991), para quem não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões.

Outra contribuição fundamental é a formação de agentes comunitários ligados a diferentes tradições religiosas, capacitados para atuar como mediadores de conflitos e multiplicadores da cultura de paz. Eles aprendem técnicas de mediação, escuta ativa, análise crítica do racismo religioso e construção de pontes entre grupos.

Aragão sintetiza essa ideia afirmando que *“a paz não se decreta; se constrói por meio de educadores, líderes comunitários e guardiões do diálogo”* (ARAGÃO, 2018).

## **2. A PEDAGOGIA DO DIÁLOGO COMO CAMINHO PARA O PLURALISMO COOPERATIVO**

Todo esse conjunto de experiências demonstra que a pedagogia do diálogo proposta por Aragão não é apenas uma teoria, mas uma prática transformadora. Ela se articula profundamente com sua noção de pluralismo cooperativo, que vai além da mera tolerância e se concretiza em ações colaborativas que fortalecem a democracia e o tecido social.

Enquanto a tolerância implica suportar a existência do outro, o pluralismo cooperativo — vivido nas experiências de campo coordenadas por Aragão — implica agir com o outro, partilhar responsabilidades comunitárias e construir projetos comuns. Como afirma o autor, *“dialogar é cooperar; é reconhecer no outro não uma ameaça, mas uma possibilidade de ampliação ética do mundo”* (ARAGÃO, 2020).

Essas práticas mostram, portanto, que o diálogo inter-religioso pode ser aprendido, praticado e institucionalizado, tornando-se uma ferramenta eficaz para transformar conflitos e promover justiça social, especialmente em territórios vulnerabilizados e marcados por profundas desigualdades — como muitos bairros da RMR e do Cabo de Santo Agostinho.

### **2.1. A Atualidade das Teorias de Aragão no Contexto Brasileiro**

As contribuições de Gilbraz Aragão têm adquirido renovada importância diante do cenário religioso e político brasileiro do século XXI, marcado por conflitos simbólicos, disputas territoriais e recrudescimento de fundamentalismos. Suas categorias — hospitalidade epistemológica, pluralismo cooperativo, teia de relações e pedagogia do diálogo — tornam-se ferramentas analíticas e práticas para compreender e intervir nas tensões contemporâneas envolvendo religião, cultura e política.

### **2.2. Enfrentamento do racismo religioso**

O racismo religioso, estruturado historicamente pela colonialidade e perpetuado por políticas públicas excludentes, segue presente nas agressões a terreiros, violências simbólicas, criminalização de práticas rituais e demonização midiática das religiões afro-brasileiras. Nesse cenário, as categorias de Aragão fornecem caminhos concretos de enfrentamento:

- Hospitalidade epistemológica implica reconhecer que o saber dos terreiros — ancestral, corporal, ritual e comunitário — é legítimo e deve dialogar em pé de igualdade com saberes acadêmicos e teológicos. Aragão não propõe uma simples “tolerância”, mas uma abertura ativa para escutar, aprender e reelaborar conceitos a partir da cosmovisão afro-indígena.
- Pluralismo cooperativo incentiva que comunidades religiosas estabeleçam frentes de ação comum em defesa de direitos, patrimônio cultural e liberdade de culto, atuando conjuntamente em conselhos municipais, fóruns de direitos humanos, escolas e territórios vulneráveis.
- Teia de relações desnaturaliza discursos que separam “religião verdadeira” e “religião falsa”, revelando como religiões afro-brasileiras foram fundamentais para a formação do cristianismo popular, para a cultura brasileira e para as práticas de cura, música e resistência.

Essas categorias, quando aplicadas, têm produzido impactos reais: fortalecimento de redes de combate à intolerância religiosa em Pernambuco, criação de protocolos de proteção aos terreiros e inserção das matrizes africanas como saber pedagógico no currículo escolar.

### **2.3. Superação de fundamentalismos**

O Brasil vive uma intensificação dos fundamentalismos cristãos — tanto pentecostais quanto setores católicos — que se expressam na política institucional, nas escolas, nas redes sociais e nos territórios urbanos. A obra de Aragão oferece instrumentos críticos para enfrentar esse fenômeno:

- A teia de relações evidencia que não existe “pureza religiosa” e que todas as tradições se influenciaram mutuamente ao longo da história. Essa visão desmonta a lógica fundamentalista que constrói fronteiras rígidas entre “nós” e “eles”.
- O pluralismo cooperativo desloca a rivalidade e incentiva práticas de cooperação: campanhas conjuntas de solidariedade, ações sociais inter-religiosas, diálogos entre lideranças locais e uso da escuta como ferramenta de mediação.
- A pedagogia do diálogo atua na formação de crianças e jovens para que reconheçam as múltiplas crenças como parte do tecido social, reduzindo a reprodução geracional de discursos de ódio.

Aragão mostra que o antídoto ao fundamentalismo não é um laicismo excludente, mas um laicismo dialógico, que promove a convivência crítica entre diferenças sem suprimir a presença pública das religiões.

### **2.4. Mediação de conflitos comunitários**

As periferias metropolitanas de Recife, Jaboatão dos Guararapes e Cabo de Santo Agostinho são espaços onde a diversidade religiosa convive com tensões territoriais, disputas por espaços de culto e rivalidades políticas. As teorias de Aragão têm sido aplicadas em projetos de mediação com resultados concretos:

- Círculos de diálogo inter-religioso entre pastores, mães de santo, lideranças católicas e representantes de movimentos sociais, promovidos em escolas, centros comunitários e terreiros.
- Mapeamento territorial de conflitos envolvendo barulho de cultos, perseguições a terreiros, intolerância escolar e tensões em comunidades rurais/juremeiras.

- Formação de agentes comunitários de diálogo, capacitando jovens e líderes locais em gestão de conflitos, comunicação não violenta e práticas colaborativas.
- Experiências de convivência entre igrejas e terreiros, com celebrações ecumênicas, mutirões sociais conjuntos, defesa mútua diante de ataques e participação em conselhos de políticas públicas.

Esses processos revelam a potência prática da obra de Aragão: suas teorias não se limitam ao campo acadêmico, mas orientam ações diretas em territórios vulnerabilizados, contribuindo para uma cultura de paz, redução da intolerância e fortalecimento da cidadania religiosa.

### **3. DISCUSSÃO: A CONTRIBUIÇÃO EPISTEMOLÓGICA E POLÍTICA DE GILBRAZ ARAGÃO**

A obra de Gilbraz Aragão ocupa um lugar singular no campo dos Estudos da Religião no Brasil por articular epistemologia, ética e política de forma integrada. Suas teorias não se limitam a descrever a diversidade religiosa brasileira; antes, promovem uma intervenção crítica e transformadora na forma como o país compreende, ensina e administra as diferenças religiosas. Sua proposta de diálogo inter-religioso vai além da simples convivência: constitui um projeto de reconstrução do comum, baseado na pluralidade, na reciprocidade e na justiça social.

#### **3.1. Dimensão epistemológica**

Aragão tensiona a epistemologia moderna ocidental ao denunciar como a colonialidade produziu hierarquias que classificam certos saberes como “científicos”, “legítimos” ou “superiores”, enquanto desqualifica as epistemes afro-indígenas como superstição, magia ou atraso cultural. Para ele, essa hierarquia opera tanto na universidade quanto no Estado e nas instituições religiosas. Sua contribuição epistemológica assenta em três pilares:

(a) Decolonização do conhecimento - Aragão dialoga com autores como Walter Dignolo, Boaventura de Sousa Santos e Aníbal Quijano ao propor que a pesquisa em religião deve incluir as vozes historicamente silenciadas. O conhecimento só é completo quando incorpora saberes rituais, ancestrais e comunitários, reconhecendo-os como formas legítimas de produção de sentido.

(b) Hospitalidade epistemológica - Mais do que “incluir” o outro, Aragão propõe aprender com o outro, permitindo que o encontro inter-religioso transforme a própria forma de conhecer. Assim, a epistemologia deixa de ser unilateral e passa a ser relacional.

(c) Epistemologia do encontro - O saber nasce do encontro entre diferenças, não de um sujeito isolado. As experiências inter-religiosas, para Aragão, constituem laboratórios de produção de conhecimento, onde identidades se constroem em diálogo e não em oposição.

Essa dimensão epistemológica tem efeitos práticos: influencia políticas de educação religiosa, metodologias participativas, valorização dos terreiros como loci de conhecimento e reconhecimento das tradições indígenas/juremeiras como bens culturais.

### **3.2. Dimensão ética**

A ética em Aragão não é abstrata, mas profundamente encarnada nas relações cotidianas. Ele parte da premissa de que a diversidade religiosa é um fato constitutivo da vida brasileira e, portanto, exige a construção de uma ética da convivência.

(a) Ética do cuidado e da responsabilidade - Inspirado por autores como Emmanuel Levinas, Leonardo Boff e Ivone Gebara, Aragão afirma que o diálogo só é possível quando há abertura à alteridade. O outro não deve ser tolerado, mas reconhecido como parte do mesmo tecido humano e comunitário.

(b) Ética da escuta e do reconhecimento - Para ele, ouvir é um ato político. Escutar as comunidades de terreiro, as tradições indígenas, os grupos vulnerabilizados e os jovens nas periferias significa legitimar suas experiências e permitir que elas contribuam para o bem comum.

(c) Ética da coexistência - A convivência não significa ausência de conflitos, mas capacidade de mediá-los. Aragão entende o conflito como parte da vida social e religiosa, e por isso propõe metodologias de mediação, círculos de diálogo e práticas restaurativas.

Sua ética do diálogo, portanto, é insurgente: age contra o racismo religioso, contra a intolerância, contra a exclusão social e contra os fundamentalismos.

### **3.3. Dimensão política**

A política em Aragão não é partidária, mas civilizatória. Ele defende uma laicidade cooperativa, capaz de articular o Estado, a sociedade civil e as religiões em um projeto democrático e plural.

(a) Crítica ao laicismo excludente e ao confessionalismo autoritário Aragão rejeita dois extremos:

1. o laicismo que expulsa as religiões do espaço público;
2. o confessionalismo que busca impor doutrinas religiosas ao conjunto da sociedade.

(b) Proposta de laicidade cooperativa nessa concepção, as religiões podem contribuir para a construção de políticas públicas — especialmente de paz, inclusão e direitos humanos — mas devem fazê-lo sem privilégios e sem hegemonia. A cooperação substitui a competição; o reconhecimento substitui a disputa por poder simbólico.

(c) Práticas políticas concretas A abordagem política de Aragão se expressa em experiências como:

- participação em conselhos de políticas públicas;
- mediação de conflitos entre igrejas e terreiros;
- incidência em políticas educacionais;
- defesa de direitos territoriais indígena-juremeiros;
- articulação de redes inter-religiosas em bairros periféricos.

A política, para ele, não é uma arena externa, mas uma extensão da vida religiosa e comunitária.

Um dos aspectos mais marcantes da contribuição de Aragão é a ruptura com o modelo tradicional do pesquisador neutro e distante. Aragão é pesquisador-engajado, que: produz conhecimento com e não sobre as comunidades; participa ativamente de redes de diálogo inter-religioso; intervém em conflitos reais; forma educadores, lideranças religiosas e gestores públicos; elabora projetos e metodologias aplicadas em escolas, terreiros e comunidades periféricas.

Sua obra demonstra que estudar religião no Brasil é também participar da transformação social, promovendo relações mais justas, plurais e solidárias.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As teorias de Gilbraz Aragão constituem uma das contribuições mais consistentes, inovadoras e contextualizadas para o estudo do fenômeno religioso no Brasil contemporâneo. Sua proposta, ao articular a teia de relações, a hospitalidade epistemológica, o pluralismo cooperativo e a pedagogia do diálogo, oferece um referencial capaz de compreender a complexidade do campo religioso brasileiro e, ao mesmo tempo, propor caminhos de transformação ética, educativa e política.

Ao conceber a religião como uma teia de relações em constante movimento, Aragão desloca o olhar das identidades fixas para os processos dinâmicos que constituem as tradições. Essa visão relacional — inspirada na antropologia de Geertz, na hermenêutica de Ricoeur e na perspectiva intercultural de Panikkar — permite enxergar a religiosidade brasileira como campo vivo de trocas, conflitos, hibridismos e reinvenções. Nesse sentido, o autor reconhece que nenhuma tradição é pura e que o encontro com o outro é constitutivo da própria experiência religiosa.

A hospitalidade epistemológica amplia essa compreensão ao propor que o diálogo não é mera convivência, mas abertura radical ao aprendizado mútuo. Aragão defende que dialogar significa permitir que o outro atravesse nossas fronteiras cognitivas e espirituais, revelando limitações e expandindo horizontes. Trata-se de um gesto ético que questiona exclusivismos, combate hierarquias coloniais do saber e legitima cosmologias afro-brasileiras, indígenas e populares como saberes válidos e produtores de sentido. Nessa perspectiva, o diálogo inter-religioso torna-se prática de justiça cognitiva e enfrentamento do racismo religioso.

O pluralismo cooperativo, por sua vez, supera a noção clássica de tolerância — frequentemente limitada e hierarquizante — para propor relações horizontais, colaborativas e politicamente engajadas entre as tradições. Em vez de apenas coexistir, as religiões são convocadas a agir juntas em defesa da dignidade humana, da justiça social, da democracia e da paz. É nessa chave que Aragão se aproxima de Hans Küng, Paulo Freire e Boaventura de Sousa Santos, ao propor formas concretas de cooperação que enfrentam desigualdades históricas, violências simbólicas e processos de exclusão.

A pedagogia do diálogo sintetiza e operacionaliza todos esses conceitos, constituindo uma prática formativa que ultrapassa a teoria e se materializa em experiências reais de escolas, comunidades, terreiros, igrejas e movimentos sociais. Nesse campo, Aragão mostra

que o diálogo não é abstração, mas método de convivência, enfrentamento de conflitos, reconstrução de vínculos e promoção de cultura de paz. Experiências desenvolvidas na Região Metropolitana do Recife demonstram que práticas dialogais transformam territórios marcados por tensões religiosas, fortalecem identidades subalternizadas e ampliam o reconhecimento das diferenças.

No cenário brasileiro atual — atravessado por polarizações políticas, avanço de fundamentalismos, racismo religioso e disputas por território simbólico — as categorias teóricas e práticas de Aragão revelam sua profunda atualidade. Elas oferecem não apenas um diagnóstico crítico, mas também alternativas concretas para a construção de sociedades plurais, democráticas e inclusivas. Sua obra contribui para a elaboração de políticas educacionais, práticas comunitárias e estratégias de convivência capazes de promover justiça simbólica, reconhecimento mútuo e cultura de paz.

Assim, conclui-se que Gilbraz Aragão não apenas interpreta o campo religioso brasileiro, mas oferece um projeto ético-político de transformação. Suas teorias iluminam caminhos para que o diálogo inter-religioso deixe de ser mera retórica institucional e se converta em prática cotidiana de encontro, aprendizagem e cooperação. Em uma sociedade marcada pela diversidade, seus conceitos constituem ferramentas essenciais para enfrentar violências, curar rupturas e construir pontes simbólicas entre tradições, territórios e pessoas. É nesse horizonte que reside a força e a atualidade de sua contribuição: não apenas explicar o pluralismo brasileiro, mas ajudar a torná-lo mais justo, solidário e profundamente humano.

## REFERÊNCIAS

ARAGÃO, Gilbraz. *A religião dos outros: horizontes para o diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2020.

ARAGÃO, Gilbraz. *Diálogo inter-religioso: caminhos e experiências*. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2018.

ARAGÃO, Gilbraz. Do universo ao pluriverso, do religioso ao transreligioso. In: RIBEIRO, Claudio de Oliveira (org.). *Princípio pluralista e decolonialidade*. São Paulo: Editora Recriar, 2022. p. 63-86.

ARAGÃO, Gilbraz. Liberdade de religião e diálogo transreligioso. In: SIMÕES, Maria Cecília; PANASIEWICZ, Roberlei (org.). *Diálogos plurais para além do religioso*. São Paulo: Editora Recriar, 2024. p. 13-44.

ARAGÃO, Gilbraz. O dom do diálogo. *Fronteiras – Revista de Teologia da UNICAP*, v. 4, p. 508-532, 2021.

ARAGÃO, Gilbraz. O que é religião? In: JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo; OLENIKI, Marilac Loraine; ORTIZ, Francine Porfirio (org.). *Caderno pedagógico para o Ensino Religioso: crenças religiosas e filosofias de vida*. Petrópolis: Vozes, 2023. p. 23-34.

ARAGÃO, Gilbraz. Perspectivas transreligiosas e o estudo das religiões. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira (org.). *Espiritualidades contemporâneas, pluralidade religiosa e diálogo*. São Paulo: Fonte Editorial, 2016. p. (completar).

ARAGÃO, Gilbraz. Transreligiosidade. In: RIBEIRO, Cláudio; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Roberlei (org.). *Dicionário do pluralismo religioso*. São Paulo: Recriar, 2020. p. 288-295. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/submission/wizard>

ARAGÃO, Gilbraz; COUTO, Celso. *Educação, interculturalidade e diálogo*. Recife: Editora UFPE, 2017.

ARAGÃO, Gilbraz; OLIVEIRA, R. V.; VASCONCELOS, E. M. R. Educação para a diversidade religiosa no Brasil. *Fragmentos de Cultura*, v. 32, p. 594-608, 2022.

ARAGÃO, Gilbraz; SOUZA, Mailson. As religiões e a reconstrução dos direitos humanos: uma abordagem transdisciplinar. *Estudos Teológicos*, v. 60, p. 14-29, 2020.

ARAGÃO, Gilbraz; SOUZA, Mailson. O sentido e o fim das religiões: Wilfred Smith e uma teologia mundial fundamental para o triálogo. *Paralellus (Online)*, v. 14, p. 49-74, 2023.

ARAGÃO, Gilbraz; SOUZA, Mailson. Transdisciplinaridade, o campo das Ciências da Religião e sua aplicação ao Ensino Religioso. *Estudos Teológicos (Online)*, v. 58, p. 42-56, 2018.

BOFF, Leonardo. *Virtudes para um outro mundo possível*. Petrópolis: Vozes, 2007.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília: Senado Federal, 1988.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Ricardo Jorge Silveira. *Da missa à militância*. Recife: Editora Appris, 2023.

GOMES, Ricardo Jorge Silveira. *Pode confiar, ele é crente*. Recife: Editora Bagaço, 2018.

HICK, John. *A interpretação do cristianismo*. São Paulo: Paulus, 2005.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Demográfico 2022*. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>.

KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial*. São Paulo: Paulus, 1991.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PANIKKAR, Raimon. *O diálogo intrarreligioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.

PRANDI, Reginaldo. *Segredos guardados: orixás na alma brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

RICOEUR, Paul. *O si-mesmo como outro*. São Paulo: Loyola, 1990.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2020.

SILVA, Vagner Gonçalves da. *Orixás da metrópole: um estudo antropológico das religiões afro-brasileiras em São Paulo*. São Paulo: Edusp, 1994.

TAYLOR, Charles. *O multiculturalismo e a política do reconhecimento*. Lisboa: Presença, 1994.

Recebido em: 13 de dezembro de 2025

Aceito em: 12 de março de 2026

Publicado em: 30 de abril de 2026

Conflito de interesses: Nenhum declarado